

**AMBIENTE**

Liana John



NOTAS DE VIAGEM

**Baleia à vista!**

De todas as localidades que visitamos, Kaikoura é a preferida. Tem montanhas íngremes, praias de pedras, gaivotas, lobos e baleias. Pela baía passam orcas, baleias-francas e mesmo a gigantesca baleia-azul, mas agora, no inverno, os cachalotes são os mais comuns e é atrás deles que saímos

Liana John - Planeta Sustentável - 18/07/2012

Topo da lista. Sem dúvida alguma! De todas as localidades da Nova Zelândia pelas quais já passamos, Kaikoura está no topo da lista!

Chegamos num final de tarde, com a luz caindo rapidamente na estrada cheia de curvas. À direita, montanhas íngremes com picos nevados. À esquerda, as ondas do Oceano Pacífico de encontro às praias de pedras, sem areia. **Aves marinhas** descansam pousadas sobre as rochas. Alguns cormorões se distinguem entre as inevitáveis gaivotas.

Mas há pedras roliças demais. Não dá para ver bem. Paramos no acostamento. Não são só pedras: são lobos-marinhos descansando sobre as pedras à beira-mar. A espécie é endêmica da Nova Zelândia: *Arctocephalus forsteri*. Um macho está no acostamento e posa para as fotos. Pelo estado do capim amassado ao longo da estrada, trata-se de um local de descanso deles. Um pouco mais abaixo uma fêmea me olha, indecisa sobre a atitude a tomar (fugir ou ficar?). E a luz acabando... Mas ainda deu para o registro! (Veja as [imagens na galeria](#))

No dia seguinte, acordamos com o camping todo branco de geada. Mas o céu está limpo e é o que importa, pois temos uma saída de barco agendada, para observação de baleias e golfinhos. Kaikoura fica num dos pontos em que o oceano é bem profundo próximo da costa e, por isso, a baía é frequentada por cachalotes (*Physeter catodon*), que ali encontram lulas, seu principal alimento.

Com um máximo de 19 metros de comprimento (macho), o cachalote é o maior cetáceo com dentes. Justamente por ter dentes, tecnicamente não é uma baleia, embora esse seja seu apelido popular.

Pela baía de Kaikoura também passam orcas, baleias-francas e mesmo a gigantesca baleia-azul. Mas agora, no inverno, os cachalotes são os mais comuns e é atrás deles que saímos. O barco de observação é um catamarã (barco de dois cascos) muito confortável, com poltronas largas, janelões e uma equipe muito solícita à disposição dos turistas.

Enquanto rodamos a procura das baleias, uma guia passa vídeos num telão e nos explica o que veremos. A certeza de encontrarmos o que observar é tão grande que a operadora se compromete em devolver nosso dinheiro se não avistarmos nenhuma baleia em três horas de passeio.

Felizmente, a devolução não será necessária: logo encontramos o primeiro cachalote na superfície. Eles permanecem de 15 a 20 minutos boiando para tomar fôlego entre um mergulho e outro. Chegamos bem perto e vemos metade de seu dorso de fora, desde a narina, bem no alto da cabeça quadrada, até a nadadeira. O resto do corpo fica submerso, meio arqueado para baixo.

Quando o animal começa a se movimentar para mergulhar, nossa guia nos avisa pelo alto falante e temos tempo para preparar as câmeras de foto e vídeo. Lentamente o cachalote afunda a cabeça e levanta a poderosa cauda, que vai impulsionar seu mergulho a grandes profundidades.

Mal a cauda some e o barco já se movimenta atrás de outra baleia. Aquela ali não voltará à superfície antes de pelo menos 40 minutos. Em nosso passeio, observamos 4 cachalotes, seguindo sempre o mesmo ritual: nos aproximamos enquanto estão boiando e vamos embora quando mergulham.

No meio do caminho fazemos um desvio para ver os golfinhos-do-crepúsculo ou golfinhos-cinzentos (*Lagenorhynchus obscurus*). Um grupo imenso, com dezenas de golfinhos, está junto a outro barco de observação. Quando nos aproximamos, muitos deles vêm em nossa direção, tão curiosos a nosso respeito quando nós em relação a eles.

A água é uma confusão de nadadeiras em todas as direções, difícil decidir para onde apontar a câmera. De repente, como se tivessem ensaiado, todos os golfinhos saíram pulando, formando um enorme arco em direção ao mar aberto. Não pareciam assustados, pareciam brincar. Tanto que uma parte deles retorna para junto dos barcos...

Seguimos para águas rasas, para procurar outra espécie de golfinho, bem mais rara e criticamente ameaçada de extinção: o golfinho-de-hector (*Cephalorhynchus hectori*). É a menor espécie de golfinho, com 1,30 metro de comprimento, em média. Seguindo as instruções da guia, vasculhamos o mar em busca de nadadeiras arredondadas, característica única da espécie.

Logo avistamos o primeiro casal e sem demora alguns mais vêm em direção ao barco, observar os observadores. Parecem apreciar a brincadeira de esconde-esconde: passam debaixo do barco, de um lado para outro, obrigando todos nós, fotógrafos, a correr de lá para cá. Não conseguimos vê-los saltar, mas quem se importa?

Já está na hora de voltar, mas a caminho do porto ainda temos a chance de ver albatrozes, essas elegantes aves de longas asas, capazes de voar rente ao mar como se velejassem numa competição contra as cristas das ondas. E com este presente final encerramos o passeio de barco para desembarcar na praia de seixos negros, em plena maré alta.

Então, em minha opinião, se a Nova Zelândia está em seus planos de viagem, Kaikoura é um must, definitivamente!

---

### Leia também

[07/2012 | Nova Zelândia em 30 dias \(todas as notas da viagem\)](#)

[07/2012 | Nova Zelândia em 30 dias - Diário Fotográfico](#)

---

Patrocínio

Siga o Planeta

